

Mordida

Eugénio Outeiro

Mordida

MORDIDA

1ª edição, Julho de 2012

© 2012 Eugénio Outeiro

© 2012 AGAL

Associação Galega da Língua

editora@agal-gz.org

www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-87305-48-1

Depósito legal: C 1474-2012

Coordenação editorial: Xosé Antom Serém

Diagramação: Miguel R. Penas e Xosé Antom Serém

Imprime: Sacauntos



Atribuição — Tem de fazer a atribuição do trabalho, da maneira estabelecida pelo titular originário ou licenciante (mas sem sugerir que este o apoia, ou que subscreve o seu uso do trabalho).

Compartilha Igual — Se alterar ou transformar este trabalho, ou criar um trabalho baseado neste trabalho, só pode distribuir o trabalho resultante licenciando-o com a mesma licença ou com uma licença semelhante a esta.

The dog's god is a scrap dropped from the table.

Ted Hughes

herança

um peixe saiu do mar a carregar a fome
e caminhou pela terra lamacenta

poisou ovos num húmido demasiado seco
e deixou que as formas se fizessem

um dia teve escamas que construíram
uma couraça ao coração e as guelras
respiraram o oxigénio de uma substância
[diferentemente líquida

o peixe andou: nadou no ar
a se arrastar na terra

depois foi esconder-se sob as pedras
onde arrancou filhos de si

subiu às árvores para comer as frutas
apartando-se pêlos

quando desceu
a procurar as sobras da carniça
tinha uma mão que segurava o mundo

com ela
mamã deu-me esta faca que carrego
para sair da lama

Livro de receitas

no princípio era a fome

que disse haja deus e houve homem
que disse haja deus e houve medo
que disse haja deus e houve morte
que disse haja deus e houve sexo
que disse haja deus e houve mais fome

árvores devoraram os espaços abertos
e o homem viu que não era bom o suficiente

flores comeram corpos e ficaram mordidas na retina
e a morte viu que aquilo não chegava

palavras engoliram referentes parcelaram o mundo
[em bocadinhos mastigáveis
e o medo viu que faltava alguma coisa

as mortes foram mortas para nascerem outras
e o sexo viu que não era bastante

todos os deuses foram comidos pelo caruncho

e no paraíso a fome mordiscava as unhas

adão e evo

ele olhava para ele
e ele para ele
a arregalar com fome os olhos
que comiam os olhos um do outro
e os lábios um do outro que queriam
o corpo dele
e ele o dele
meter-lhe o dente na orelha lambe-
las concavidades dos olhos e chupar os dedos
com os mamilos dele que sonhava
arrancar com a mão o coração dele
e ele o dele
que quase sentia o sabor da carne alheia
tão própria como o sol e o sangue quente
dele a dar-lhe calor e a vida dele
enquanto ele olhava para ele
e ele para ele
vorazmente nos olhos desejando
possuir o rigor do pénis dele
a boca a língua dele e então ele
arrancou um bocado de si e ofereceu-o a ele
e ele aceitou a oferecer-lhe um outro

caim

abriu-lhe o coração de uma facada
à terra e lá deixou umas pevides

voltou de quando em vez só pra cagar-se
em cima da ferida

a chuva e o tempo fizeram o resto

quando nasceu a figueira disse é minha
estupidamente acreditando nisso

já não pôde parar de repeti-lo

e agora ainda está lá como um idiota
à espera de que nasça qualquer coisa
do lixo radioativo

abel

matou o carneiro recolhendo a faca
e o brilho dos olhos ao ver jorrar o sangue
e o tremor de terra no estômago quando ouviu balir a
[vítima de dor ou medo
e o nojo superado de empurrar mais forte quando a
[ponta encontrou a resistência da pele
e a manha inventada para lhe abrir o corpo inteiro
[evitando ossos
e os movimentos do gume ao separar a pele
e o odor a sangue fresco
e o tacto da própria mão contra o interior do corpo alheio
e a carícia à gordura sem pele para a trazer cá fora

tudo isto recolheu brutal e laboriosamente

ofereceu a banha a deus
e todo o resto
segurou-o num punho bem fechado
que ofereceu a quem pudesse abri-lo um dia
se tinha tomates

noé

depois do dilúvio e da viagem pelo deserto de água
o patriarca abriu a despensa
com uma facada ao pescoço do carneiro

então jorrou o sangue que ainda sangra
voltando a inundar o mundo

maria

gostava tanto da vida
palpitante do filho que só pôde
engoli-lo de um golpe – mal sabendo
que havia de crescer no seu ventre
até lhe rebentar as tripas

Deus é amor, e quem permanece no amor permanece
[em Deus e Deus nele
(São João, 4, 8)

pulmões respiram corações latejam
por amor e olhos buscam outros olhos
em que ver-se inteiramente despojados
do corpo em corpo alheio e procurando
braços em que morrer choram os homens
por amor e possuem outros corpos
que por amor abrem as pernas palpitando
brilhantes e carnosos sob os tetos
por amor construídos sob um céu de estrelas
onde moram famílias por amor unidas
e por amor alimentadas com a carne
morta dos animais e assim os homens
que por amor possuem outros homens
sequestrando o casal fazem as tribos
que crescem por amor e dão os deuses
que inventam outro amor e delimitam
o lugar onde a vida é comestível
mas por amor a tribo come a tribo
e deus come outro deus perante os olhos
atónitos do homem que acredita
agora noutro deus que faz a guerra
por amor a seus homens e mulheres
que tremem como varas abraçados
perante o amor moldado à sua imagem

Carne

na porta da carne flexível o começar da incógnita

da vida lateja aquém da minha pele o corpo
teu estendido à flor dos meus instintos morde
a mola de espírito que acionou o pénis tantas
vezes lateja o coração dentro do peito tantas
como os ecos no pénis quando te vejo a carne
nua e a pele os pelos e os teus olhos de fome
a ignorar o meu corpo propositadamente a olhar-me
mesmo nos olhos enquanto as mãos procuram
corpos e as línguas lambem outras línguas
e as mãos masturbam corações e as bocas
masturbam sexos até o explodir de todos
os sentidos que atira o corpo contra o corpo
e faz saltar as tuas ancas para engolires inteiro
o pénis diretamente para o ventre uma e mil vezes
porque isto é o nosso amor encarniçado e é por isto
que quando me agarro às tuas mamas quero
amassar-te o coração dentro do peito e quero
abocanhar-te a alma quando mordo os mamilos
molhados da saliva que eu barrei e para isso
procuro no teu corpo mais alento animal vozes
respiradas com força aqui na orelha que mordes
porque queres morder e então entendo
que a alma é que nos faz ser animais e o espírito
é esta baba branca que me lubrica o pensamento

por baixo dos lençóis e do peito um músculo calmamente bombeia sangue a vasos que arrastam o oxigénio que o teu nariz respira profundamente insuflando os pulmões num ritmo cadenciado em ondas que te pressionam o ventre a dar massagens aos intestinos por onde alimentos que eu cozinhei e pus à mesa são apenas uma massa informe circulam após ter sido novamente cozinhados no teu estômago e agora são tratados como numa cadeia de produção em que as paredes lhe tiram essências e substâncias partículas ou nutrientes que percorrerão o teu corpo como eu à procura de casa em músculos vísceras ossos olhos que agora dançam por baixo das pálpebras e cérebro que descansa mas na mesma inventa histórias desvairadas em que talvez esteja eu talvez tu voes talvez um monstro qualquer tenta fazer-te mal talvez faças amor comigo ou outrem talvez tenhas um filho um cão um gato uma família uma casa em que caiba tudo

talvez os teus pais venham visitar-te talvez fales com a sylvia
e talvez por isso a laringe se contrai e a língua se move e emitem sons quase imperceptíveis
como querendo dialogar ou dar gritos mas apenas balbuciam sílabas
que chegam porém ao meu pavilhão auditivo e fazem-me acordar e ver-te
ao meu lado na cama onde nos deitámos há apenas umas poucas horas
e então poiso os meus lábios que são bordas de mucosa que me revestem a boca
sobre a tua testa que é pele e crânio e miolos que sonham enquanto os meus pensam
descansa meu amor e dorme que o dia de amanhã será tão duro como o de hoje

um leve músculo peitoral suporta o compactado núcleo de gordura e glândulas mamárias seguradas de cima por aponeuroses como leques macios caindo laxamente como gotas de chuva magnificadas e carnosas a que cresceram aréolas e mamilos que apontam a algum lugar por perto que não posso saber porque o soutien os tapa embora as suas dobras de tela e espuma como de pelúcia que até convidam a brincar apontem diretamente para os meus olhos que vem por baixo do vestido que agora experimentas a forma das tuas mamas e o meu cérebro consegue reconstruir-te o corpo que por baixo da tela estende a tua pele com pelos minúsculos e invisíveis que lembro arrepiados pelo frio hoje mesmo de manhã enquanto punhas a roupa a mesma pele macia que segura outras extensões de gordura como essa pequena camada por cima dos teus músculos abdominais que afundam um pouco mais o umbigo como uma almofada com um botão cosido e que faz uma leve forma ondulada na roupa que experimentas insinuando mais o teu corpo não apenas os seios mas também barriga pequena e as ancas que são ossos que disparatam o vestido eu acho em falta

o púbis mas as cuecas também se notam por baixo da tela fina
que te fica realmente bem consegue balbuciar a minha boca que saliva
mas tu viras-te para o espelho em que estamos os dois como numa foto
e verás como movo os olhos tentando dissimuladamente dirigi-los para o teu rabo
e com um sorriso malandro que não saberei como apareceu no teu rosto
vai procurar-me um número acima dirás e o meu pénis passará de novo
à esponja mole que apenas há uns segundos endurecia o sangue
que o coração impulsa lá nas profundezas do peito

as polpas dos teus dedos almotofadam a espuma do volante que seguras
e levemente golpeiam-no a levar o ritmo da música que vem do rádio
que os teus lábios trauteiam fazendo a forma de um beijo arredondado
por onde disparas curtas rajadas de ar vindo dalgum lugar que não parece
dos pulmões que descansam entre os barrotes curvos da caixa
torácica sem respirar no breve espaço em que cantarolas quando então reparas
que estás a cantar e ris de ti mesma a falar contigo num diálogo
que acontece a nível dos neurónios e que te estica os lábios inadvertidamente
e faz-te sentir uma leve sensação ondulada de lábio contra lábio e é por isso
que os separas enquanto dizes sou maluca sem pronunciá-lo porque é só para sentires
o ar a vibrar-te na garganta e romper a cadeia de pensamentos
mas tu não sabes disso apenas pensas de novo que és maluca por falares sozinha
e decides mudar a emissora porque a deriva da cabeça começa a resultar incómoda
e aceleras mas não deixas para trás os pensamentos que são mais velozes
que a tua mão a pulsar botões para trocar a música e o scanner do rádio a procurar outra emissora

e as válvulas do motor a imprimir velocidade às rodas que impulsam
o teu coração que lateja nervos ao universo todo e que fumeja
a música estúpida de um anúncio de telefonia

Receitas familiares

a avó cozinha o caldo com nabiças do campo

com couves com amor e beijocas na cara

a avó cozinha o caldo com sabores antigos

a chouriços fumados na cozinha à lenha

a avó cozinha o caldo com saudades dos tempos

que dançava nas festas e namorava tanto

a avó cozinha o caldo com lembranças dos ritmos

que faziam tremer o coração e os peitos

a avó cozinha o caldo com apalpões queridos

contados à surdina para o perdão do padre

a avó cozinha o caldo com mulheres a preto e branco

e homens a preto e branco curtidos no trabalho

a avó cozinha o caldo com memórias da fome

e sabores estranhos de alimentos escassos

a avó cozinha o caldo com lembranças de amigos

mortos e soterrados no cemitério velho

a avó cozinha o caldo com o avô e com os dentes

guardados no copo de água que está em cima da mesa

a avó cozinha o caldo com amor para os filhos
que brigam por saber quem vai levar o fardo

a avó cozinha o caldo com ódio para os tempos
que lhe trazem o tempo da solidão e a morte

a avó cozinha o caldo com suas mãos de velha
que estremecem ao tato da nossa mão mais firme

da mãe para o filho o mamilo na boca sem dentes

do filho para a mãe a mão calorosa agarradinha à teta

da mãe para o filho as papinhas em colheres
[de aviõezinhos]

do filho para a mãe as palmas e as palavras
[na boca desmamada]

da mãe para o filho o bolo da festa de anos e os amigos

do filho para a mãe um sopro às velas que faz voar
[os anos]

da mãe para o filho um impulso para ganhar a vida

do filho para a mãe a vida ganha como bem se pode

da mãe para o filho a receita que junta amor
[à carne morta]

do filho para a mãe o pão ganho com o sal suado

da mãe para o filho os dentes do sorriso envelhecido

do filho para a mãe os dentes novos com que morder
[churrascos]

da mãe para o filho os perdigotos de se rir sem dentes
do filho para a mãe aviõezinhos de comida triturada
da mãe para o filho uma pá para enterrar os mortos
do filho para a mãe o dinheiro que paga o lar de idosos
da mãe para o filho o vácuo de uma memória cheia
do filho para a mãe o amor juntado ao corpo
[que se enterra

a mão do avô segura a nossa mão com força

a mão do avô dá os melhores rebuçados do mundo

a mão do avô traz o pão de broa e o cheirinho a torrado

a mão do avô tem a faca que matou o porco

a mão do avô faz festinhas na cabeça do gato

a mão do avô torce a cabeça do passarinho
[que caiu na rede

a mão do avô pega nas tripas do animal morto
e acresce pimentão e tritura tudo

a mão do avô junta princípios e direitos inalienáveis
[do ser humano
e acresce pimentão e tritura tudo

a mão do avô junta crianças do terceiro mundo
e acresce pimentão e tritura tudo

e a mão do avô mete tudo na tripa e pendura
[o chouriço na lareira

igual que a mão do avô pendura morta na memória

felizes para sempre

ele a mudar o penteado a amamentar os filhos a lavar
[a roupa
ela a mijar de pé a cuspir para o chão a prender
[o lume do churrasco

ele a servir a consoada a cozinhar para os filhos
[a operar o corpo
ela a rir das desgraças a comentar o jogo a meter
[palitos entre os dentes

ele a fazer ginástica a flectir as pernas para o ar
[a tirar fotos diante do espelho
ela a amassar-lhe as partes a passar-lhe a língua
[a chamar-lhe nomes

ele a fazer as dietas a tomar a pílula a moldar
[o ventre
ela a coçar o púbis a aguentar as dores a não chorar
[nunca

ele a engolir as penas o coração o sémen a atenção
[o tempo
ela a comer vacas inteiras a barbear-se a medir-se
[a pila

ele algemado à cama a cozinhar seu corpo
[e a servi-lo à mesa
ela a fumar charutos a atirar o fumo à cara de quem
[passa

ele a estender a roupa com molas nos mamilos
[com correntes nos tornozelos
ela a fazer as guerras a matar os homens a violar
[crianças

ele a dilatar o ventre para arrancar de dentro
[o monstro que amará para sempre
ela a cortar cordões umbilicais a largar amarras
[pela vida fora

no corredor do pão compra moletes
para fazeres sopas neste umbigo
que eu te ofereço

traz-me cerejas da secção de frutas
para enfeitar-me o corpo

eu própria ponho a carne
não precisas
de passar pelo talho

para almoçar no sábado preparo
meus lábios vaginais

eu fecharei os olhos e tu podes
comer do peito o coração de alface
e lambe-me das coxas chocolate

é tudo para ti porque te amo

mas não te esqueças de comprar iogurtes

que no domingo vem a tua mãe e sabes
como ela insiste em tu tomares cálcio

a mesa estava posta fumegava ainda o pão
comprado do dia na lojinha certa
que os dois sabiam favorita dele – havia
o cheirinho a estufado que pairava no ambiente
chegado da cozinha em que ela
tinha passado a manhã entre tachos – os talheres
cuidadosamente dispostos no lugar exato
do carinho mútuo e cálices de vinho
para comungarem o amor tão grande que se tinham
era tudo perfeito não fosse aquele achado
por acaso de um pelo nas lentilhas
que ele apartou sorrindo com a faca
a olhar para ela com cumplicidade
tudo perfeito como se não houvesse mais mundo
apenas eles dois a olharem-se nos olhos
a darem-se as mãos sentindo o tato mole
da carne mútua como se não houvesse
o regueiro de sangue por baixo da mesa
e o cadáver dos filhos que eles próprios mataram
e meteram aos bocados no frigorífico – aquele
que tinham comprado num arrebato
sem olhar para o preço

este porquinho conseguiu levantar-se sobre
[duas pernas
apanhou a fruta das árvores plantou sementes
[nos campos
e deitou-se a dormir sobre a terra macia

este porquinho seu vizinho inventou a enxada
[e utensílios cortantes
domesticou animais derramou o seu sangue
e espetou uma faca sobre o amigo dormido

este é o pai de todos e inventou a cozinha
juntou farinha e vísceras de outros bichos já mortos
e bendisse ele próprio o corpo do caído

este é o fura-bolos e quis cuidar de tudo
apontou a pistola para os outros amigos
e não deixou ninguém chegar-se ao cadáver

e este mata-piolhos comprou polícia e igreja
patenteou o ADN de sementes e frutas
e comungou tranquilamente com o corpo do morto

Cadeia alimentar

a vaca come a relva que come a minhoca
[que comerá o peixe que comerá o peixe maior

a minhoca come o homem que come a mulher
[que comerá o peixe e a vaca

o homem caminha sobre a terra das minhocas

as minhocas arrastam-se na terra
e o homem arrasta o pénis no barro

o frango não caminha
pesam-lhe as mamas
que comem as crianças comidas pelo papa

o papa está na terra mas não é deste mundo

e o mundo é uma roda dentada

os dentes das crianças que já morderam crianças
mastigarão crianças
que engolirão crianças

assim o mundo se faz mundo

nos intestinos todas as carnes são uma massa informe

a gema do dedo que acariciou um sexo
o lábio que reptou sobre um umbigo
a língua que lambeu o ânus
o pé que caminhou sobre cabeças
a mão que limpou corpos e latrinas
a que assinou penas de morte
os pulmões que gritaram o que quer que seja
o rabo da mulher e o do orangotango
o punho que bateu na porta
o nariz que cheirou a cocaína
as orelhas que ejaculam sinfonias
as costas doloridas do chicote

nada que distinguir

a lombriga recria-se em cada bocado deglutido

e apenas o sabor
da pessoa jurídica
a deixa indiferente

dentro de nós simplesmente esperando o bolo
alimentar os restos
da carniça

lá dormita e espera a nossa própria carne

de quando em vez segrega filhotes que navegam
o nosso sangue e crescem
nos pulmões lentamente até colapsarem alvéolos

porém
não nos afogam

apenas vão embora ao coração e logo
de novo aos intestinos onde crescem e morrem

às vezes estão nas nossas fezes e podemos vê-los

mas a lombriga também está quando não a cagamos

crescendo em sua casa de mucosa e tripa
à espera que vamos engolindo o mundo

o homem come papas
o homem come mamas
o homem come pénis
o homem come droga
o homem come tempo
o homem come tripas
o homem come sangue
o homem come medo
o homem come dores
o homem come facas
o homem come ovos
o homem come fetos
o homem come homem

no motor do trator estouram dinossauros

e giram as rodas que abrirão a terra

o rio flui no mecanismo que decapita o frango

e o ar foi comprimido na pistola

amor e ódio giram no coração do átomo

eternamente

entretanto

o sol queimou a pele dos negrinhos de África

cegando os olhos dos branquinhos da Europa

até à nova extinção dos dinossauros

a roda gira

e os dentes batem de medo frio ou riso

eternamente brancos

morder a fruta deixa marcas na pele

mastigar carne machuca as nossas tripas

a dentada no peixe fica para sempre no nosso corpo

a fome desatada

percorre os intestinos procurando bocas

pregamos os caninos em carnes que jorram gasolina

verduras que beberam diesel

peixes que sabem a fuel-óleo

depois do desabafo da mordida

compramos a imagem do perdão

construímos a voz da penitência

comungamos com pão

é tudo inútil

mordemos sempre os nossos próprios dentes

e a fome continua

a chuva come o homem

a mulher come o homem

o peixe come o homem

a vaca come o homem

o frango come o homem

o cancro come o homem

a terra come o homem

o papa come o homem

a indústria come o homem

a droga come o homem

o tempo come o homem

o homem come o homem

a companhia engole a firma que come a empresa
[que matou o homem

entre risadas canta o papa
recolhendo os pedaços da chacina

a lombriga dormita empanturrada

a banca sempre ganhou

uma manhã a criança
engolirá os bilhetes de partida
e já não voltará

então um símio a duas patas
olhará à sua volta a interrogar-se
e apontará a banana para as nuvens

talvez com um sorriso

Comida de plástico

olha o aviãozinho

o barão vermelho sobrevoa o mundo portando
[as bombas de azoto

deixa cair uma
e saltam pernas e braços e sexos pequeninos

e deixa cair mais uma
e saltam cacos de mãos e gritos de dor e prantos

e deixa cair mais uma
e saltam corpos e miolos embebidos de sangue

e deixa cair mais uma
e salta sangue e urina e minhocas e lume

e deixa cair mais uma
e salta terra e esterco e decomposição de tumba

e deixa cair mais uma
e saltam campos de milho a rebentar de espigas

e deixa cair mais uma
e salta carne de vitela que comeu o milho

e deixa cair mais uma
e salta carne de vitela que comeu vitela

e deixa cair mais uma
e saltam pernas e braços que tremem como juncos

e deixa cair mais uma
e saltam lembranças caídas de uma cabeça

e deixa cair mais uma
e salta manfred von richthofen sem paraquedas
[nem asas

manfred albrecht freiherr von richthofen
que culpa terá ele
que saltem as ideias na cabeça do homem

faina maior

o navio ao mar alto é uma charrua
a abrir um rego ao coração das águas

camponeses do mar
eles semeiam
anzóis em cada dóri
e cada dóri é uma semente que germina

cada dóri sémen a olhar-se para o umbigo

cada dóri uma cadeira de tortura

cada dóri um lugar de meditação do marinheiro

e cada marinheiro um nó apertado
da rede que eles criam no trabalho

lá vai pra o mar o Zé a largar a linha
com que arrancar do mar o peixe
mas traz pra cima só dívida externa

lá vai o Aníbal linha para o fundo
mas só o Banco Mundial mordeu o isco
e pula com força

lá vai pescar o Paulo e traz as guerras
e um chicote com pregos e a educação privada
lá vai Jerónimo e o Fundo
Monetário Internacional vem ao de cima
a respirar fora da água

lá vai o Chico e tira um tratado
que institui uma constituição para a Europa
a NATO e um fiozinho de petróleo
que ia a passar

e pronto

depois é levar tudo para o navio e laboriosamente
será o suor dos homens que salgue o bacalhau

e volta à terra porque há tempo
que o peixe está vendido

no país de chocolate

os carros de chocolate percorrem estradas
de chocolate alcatroadas por doces
operários de chocolate que merendam sandes
de chocolate e pão de chocolate preto
que fabrica o padeiro de chocolate o doce
padeiro de chocolate dos nossos sonhos

os coelhinhos de chocolate dançam
e docemente esfregam-se uns aos outros
e reproduzem-se e dão mais coelhinhos
que vão dando merdinhas de chocolate
que alguém envia para nós que agradecemos
e enviamos dinheiro à capital do chocolate
donde se veem as cachoeiras de leite chocolatado
no meio da selva do chocolate quente

e lá na selva do chocolate os homens
de chocolate caçam animais e são caçados
por bestas de chocolate e docemente
deglutidos e as máquinas de chocolate
arrasam a vegetação de chocolate
porque têm medo à vida do chocolate
que lateja nas profundezas do mato

mas é só ali, no abismo do mais fundo
da selva de chocolate que os nossos homens
de chocolate trabalham para trazerem
para ti o melhor chocolate do mundo produzido
nas nossas plantações naquele espaço
secreto em que desabotoam as flores
de chocolate e onde crescem
os mais altos cacaueiros do mundo

e sob os cacaueiros com machetes
aguçados as crianças de chocolate cortam
os frutos do chocolate - mas só as melhores
crianças de chocolate são escolhidas
cuidadosamente e postas nesta caixa
para tu comeres chocolates pequena suja
como se não houvesse mais meta-
física e é capaz que não haja

*[...]If you can dream – and not make dreams your
master[...]*
(Rudyard Kipling)

se

se puderes olhar nos olhos deste morto
enquanto tudo à tua volta exige lágrimas
e sentires apenas um profundo vácuo amargo
a incompreensível estupefação de quem nada
reconhece no ricto do cadáver e se então pensares
que o mundo à tua volta é um pouco idiota
e é por isso que choras sem querer e alguém te abraça
se fores então tu a sentir-te absurdo

e se houver ocasiões em que os amigos
pedem de ti vingança contra outrem
que nada te fez e dando-te uma faca
com que matar o sujeito não percebes
porque é que hás de fazer tal sacrilégio
mas se na mesma conseguires apartar o nojo
e alçar a faca contra o céu e sem pensá-lo
espetá-la no corpo do sujeito

se sentires angústia perante a dor dos outros
que logo esqueces ao apartar a vista
e se o teu sexo é uma arma de arremesso
que nem sabes usar com propriedade
se tiveres vergonha quando te veem nos olhos
outros iguais que tu porque tu sabes
que estão a ver em ti todos os erros
e se tiveres medo ao tato humano

se souberes sonhar mas esquecer os sonhos
ou sonhar o que alguém quis que sonhasses
e se os teus sonhos são só um bem precioso
que deitas fora depois de consumido
se a tua fome é um cão domesticado
ou então uma lombriga sem consciência
serás um homem ou uma mulher e isso que cagas
também és tu por mais que aciones o autoclismo

Mordida

e o que sou eu? a vaca

a morder a cabeça da raposa? será que sou o lobo
a guinchar numa estante do supermercado?
serei eu o mandril colado às costas
da mosca a chupar-lhe o voo como alimento?
ou a mosca que tece uma aranha
para caçar no mar um elefante?
qual é o meu assento neste comboio da cadeia trófica?
a banana aguçada para cortar a carne
ou o homem encaixotado para ser consumido?
do fundo da cadeia evolutiva chega um regueiro
[de sangue que me precede
gritos de fúria assassina dos legumes selvagememente
[arrancados à terra
pedidos de vingança das árvores a que mordi
[as promessas de rebentos
toucinhos a formar a retesar os arcos
apontando os triglicéridos diretamente ao coração
séculos de parasitas da paisagem
a sucederem-se e a perguntarem-se quem são
a saberem que a aranha come
moscas o rio banha plantas que alimentam
vacas porcos carneiros que vão apodrecer
sob a terra que alimenta as árvores
de que descemos nós macacos
cuja única essência é a crise de identidade

I am red meat.
Sylvia Plath

Publicado na ATRAVÉS | EDITORA

Castelao. *Sempre em Galiza*
ATRAVÉS | DE NÓS 1

AAVV. *Sempre Castelao*
ATRAVÉS | DE NÓS 2

José Manuel Barbosa. *Bandeiras de Galiza*
(2ª ed. acrescentada)
ATRAVÉS | DE NÓS 3

Ricardo Carvalho Calero. *Carvalho Calero Atual*
ATRAVÉS | DE NÓS 4

• • • • •

Valentim R. Fagim. *Do Ñ para o NH* (2ª Ed)
ATRAVÉS | DA LÍNGUA 1

Comisom lingüística da AGAL.
Por um galego extenso e útil
ATRAVÉS | DA LÍNGUA 2

Carlos Garrido e Carles Riera.
Manual de Galego Científico (2ª ed)
ATRAVÉS | DA LÍNGUA 3

Fernando V. Corredoira. *101 Falar com jeito.*
ATRAVÉS | DA LÍNGUA 4

Mário Herrero. *Guerra de Grafias. Conflito de elites.*
ATRAVÉS | DA LÍNGUA 5

Valentim R. Fagim e José Ramom Pichel.

O galego é uma oportunidade

ATRAVÉS | DA LÍNGUA 6

• • • • •

Carlos Taibo. *Parecia não pisar o chão.*

Treze ensaios sobre a vida de Fernando Pessoa

ATRAVÉS | DAS IDEAS 1

• • • • •

Sechu Sende. *Animais*

ATRAVÉS | DAS LETRAS 1

Ugia Pedreira. *Noente Paradise. Poemas e canções*

(inclui CD)

ATRAVÉS | DAS LETRAS 2

AAVV *Poemas no faiado.*

Antologia de Poesia lusófona para crianças

ATRAVÉS | DAS LETRAS 3

Carlos Santiago. *Abraço de Ferro*

ATRAVÉS | DAS LETRAS 4

Artur Alonso. *Adelaida*

ATRAVÉS | DAS LETRAS 5

Concha Rousia. *Nântia e a cabrita d'ouro*

ATRAVÉS | DAS LETRAS 6

Eugénio Outeiro. *Mordida*

ATRAVÉS | DAS LETRAS 7

Susana Sánchez Arins. *A noiva e o navio*
ATRAVÉS | DAS LETRAS 8

• • • • •

Tou-po-rou-tou. *Vicentinho e as árvores da paz*
(Livro-CD)
LIVRE

• • • • •

Petar Pretov, Pedro Quintino, Roberto Sanmartim e Elias Torres [Eds.]
Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas.
Da Idade Média ao século XIX
AIL - ATRAVÉS | EDITORA

Petar Pretov, Pedro Quintino, Roberto Sanmartim e Elias Torres [Eds.]
Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas.
De Eça de Queirós a Fernando Pessoa
AIL - ATRAVÉS | EDITORA

Petar Pretov, Pedro Quintino, Roberto Sanmartim e Elias Torres [Eds.]
Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas.
Século XX [3 volumes]
AIL - ATRAVÉS | EDITORA

Petar Pretov, Pedro Quintino, Roberto Sanmartim e Elias Torres [Eds.]
Avanços em Literatura e Cultura Brasileiras.
Séculos XV a XIX
AIL - ATRAVÉS | EDITORA

Petar Pretov, Pedro Quintino, Roberto Sanmartim e Elias Torres [Eds.]

Avanços em Literatura e Cultura Brasileiras.

Século XX [2 volumes]

AIL - ATRAVÉS | EDITORA

Petar Pretov, Pedro Quintino, Roberto Sanmartim e Elias Torres [Eds.]

Avanços em Literaturas e Culturas Africanas

e em Literatura e Cultura Galegas

AIL - ATRAVÉS | EDITORA

Petar Pretov, Pedro Quintino, Roberto Sanmartim e Elias Torres [Eds.]

Avanços em Comparatismo nas Lusofonias

AIL - ATRAVÉS | EDITORA

Petar Pretov, Pedro Quintino, Roberto Sanmartim e Elias Torres [Eds.]

Avanços em Ciências da Linguagem

AIL - ATRAVÉS | EDITORA

